

**“ILÍADA LATINA”:
TRADUÇÃO DA ADAPTAÇÃO RESUMIDA DA “ILÍADA” DE HOMERO**

*Priscilla Adriane Ferreira Almeida**

RESUMO: A *Iliada latina* é um resumo da *Iliada*, da época de Nero. Já no século I a.C., o mito troiano passou a ser cada vez mais conhecido pelo povo através de resumos e adaptações da *Iliada*, já que o poema grego era apenas conhecido pela elite. A *Iliada latina* foi uma das adaptações mais populares dessa época, e a única desse período que nos chegou bem preservada. Pretendemos neste artigo apresentar a tradução do primeiro livro e focar em certos aspectos a respeito do processo tradutório.

PALAVRAS-CHAVE: *Iliada*; *Iliada latina*; Poesia épica; Literatura latina; Tradução.

Introdução

Pretendemos neste artigo esclarecer um pouco mais sobre a *Iliada latina*, essa desconhecida obra da época de Nero, a qual mais tarde acabou se tornando referência para conhecer o ciclo troiano durante o fim da Antiguidade. Também apresentaremos a tradução do primeiro livro desta obra e um estudo sobre o processo tradutório.

O poema *Iliada latina* (*Ilias latina*) é um resumo em latim da *Iliada* de Homero, com 1070 versos em hexâmetros datílicos – por oposição aos 16.000 versos do texto grego – e apresenta uma linguagem despretensiosa e clara. Já no século I a.C., as lendas relacionadas

* Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários, na área de Literaturas Clássicas e Medievais, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

ao mito troiano passavam a ser cada vez menos conhecidas através da *Iliada*, já que o grego era apenas aprendido pela elite romana.

Assim, encontrando-se os livros de Homero de certo modo inacessíveis, as versões, epítomes e resumos eram muito comuns, e a *Iliada latina* correspondeu a uma das adaptações mais antigas e populares. Ao fim do período republicano surgem outras traduções da *Iliada*, que não alcançaram sucesso. Do século I d.C. também temos traduções desta obra feitas por Átio Labeão, Pérsio, e Políbio, que não nos chegaram. Tem-se ainda notícia da obra perdida de Lucano, *Iliavon*, da qual restou apenas o título, e entrevê-se, no *Satyricon* de Petrônio, o poema *A queda de Troia*. As várias obras sobre a Guerra de Troia do período se justificam pela paixão que o imperador Nero nutria por esses mitos, chegando, inclusive, a compor um poema a seu respeito, chamado *Troica*, agora perdido (Conte, 1999, p. 436).

Da autoria e data de composição da obra

Desde a Antiguidade a obra permaneceu anônima, embora várias atribuições de autoria tenham sido feitas. Devido aos acrósticos que abrem e fecham o poema (*Italicus scripsit*), a *Iliada latina* foi erroneamente atribuída a Sílio Itálico (autor dos *Punica*, obra épica a respeito das guerras entre romanos e cartagineses). Essa teoria, por muito tempo defendida pelos estudiosos do tema, foi contestada. Em 1890, o pesquisador H. Schenkl descobriu, em um códice humanístico de Viena, o *Vindobonensis Latinus 3509*, o nome de Bébio Itálico (*Baebius Italicus*) na inscrição que encabeça o poema: “*Bebii Italici poetae clarissimi epitome in quatuor viginti libros Homeri Iliados*”.¹

Atualmente, muitos estudiosos como Marco Scaffai, professor da Universidade de Bologna, concordam com essa autoria atribuída a Bébio, que teria sido um político da época de Nero. Podemos encontrar também em Marcial outro fator que contesta a autoria de Sílio. A seu respeito, Marcial afirma:

¹ Do ilustre poeta Bébio Itálico, epítome em vinte e quatro livros da *Iliada* de Homero.

Depois que, tendo duas vezes seis fascas², governara o longo ano que foi venerável ao mundo livre, ele ofereceu às Musas e a Apolo os anos concluídos e, ao invés do seu foro, frequenta agora o Hélicon. (Marcial, VII, 63, vv. 9 a 12)

Se assim fosse, Sílio teria escrito a *Iliada latina* após o período neroniano. Sabemos que, no ano da morte de Nero, Sílio era cônsul, e que só se dedicou à literatura após se retirar da vida pública. A datação da obra, porém, é clara: foi escrita até, no máximo, o fim do reinado de Nero, ou um pouco antes (Butler, 2008, p. 183).

Já era conhecida a existência de uma família ou de pelo menos algumas pessoas no século I d.C. relacionadas ao nome de Béblio Itálico, quando foram descobertas em Tlos, cidade da Lícia, algumas epígrafes gregas, em parte fragmentadas, que ornavam um monumento erguido em 85 em honra de Béblio Itálico, que governou aquela região oriental como *legatus Augusti*. Apesar dessa descoberta, ainda faltava definir a data do poema, e consequentemente havia dificuldade em considerar Béblio o autor da *Iliada latina*.

Posteriormente, foi encontrado um fragmento de uma placa marmórea proveniente da antiga *Potentia Picena*, atualmente a vila italiana Potenza Picena, próxima a Ancona, contendo os *Fasti consulares* dos anos 86-93 e 113-116. Entre os nomes mencionados no ano 90, aparece *P. Baebius Italicus*.

É possível através do *cursus honorum*, basear o nascimento de Béblio Itálico em 50 d.C.. Podemos situar sua atividade poética limitada à juventude, dado o forte aspecto escolástico que marca o poema, quando, segundo Scaffai (1997, p. 18) os jovens de talento, por volta dos 18-20 anos, estreavam os seus primeiros frutos. Desta maneira, com base na reconstrução biográfica feita por Scaffai, podemos concluir que a composição da *Iliada latina* se situa por volta do ano 68 d.C.

² Segundo o dicionário de Ernesto Faria, fascas eram feixes de varas de olmo ou bétula ligadas por uma correia, muitas vezes com uma machadinha no meio delas, que os “litores” levavam à frente dos primeiros magistrados como símbolo do poder que lhes cabia de condenar a morte. No poema, Marcial usa esse termo para designar a carreira política de Sílio.

Texto latino do primeiro livro da *Ilíada Latina*

Iram pande mihi Pelidae, Diua, superbi,
 Tristia quae miseris iniecit funera Grais
 Atque animas fortes heroum tradidit Orco
 Latrantumque dedit rostris uolucrumque trahendos
 Illorum exsangues, inhumatis ossibus, artus. 5
 Confiebat enim summi sententia regis,
 Protulerant* ex quo discordia pectora pugnas,
 Sceptriger Atrides et bello clarus Achilles.
 Quis deus hos ira tristi contendere iussit?
 Latonae et magni proles Iouis. Ille Pelasgum 10
 infestam regi pestem in praecordia misit
 implicuitque graui Danaorum corpora morbo.
 Nam quondam Chryses, sollemni tempora uitta
 implicitus, raptae fleuit solacia natae
 inuisosque dies inuisaque tempora noctis 15
 egit et assiduis impleuit questibus auras.
 Postquam nulla dies animum maerore leuabat
 nullaque lenibant patrios solacia fletus,
 castra petit Danaum genibusque affusus Atridae
 per superos regnique decus miserabilis orat, 20
 ut sibi causa suae reddatur nata salutis.
 Dona simul praefert. Vincuntur fletibus eius
 Myrmidones reddique patri Chryseida censent.
 Sed negat Atrides Chrysenque excedere castris
 despecta pietate iubet: ferus ossibus imis 25
 haeret amor spernitque preces damnosa libido.
 Contemptus repetit Phoebeia templa sacerdos

squalidaque infestis maerens secat unguibus ora
dilaceratque comas annosaque tempora plangit.
Mox ubi depositi gemitus lacrimaeque quierunt, 30
Fatidici his sacras compellat uocibus aures:
"Quid coluisse mihi tua numina, Delphice, prodest
aut castam uitam multos duxisse per annos?
Quidue iuuat sacros posuisse altaribus ignes,
si tuus externo iam spernor ab hoste sacerdos? 35
En, haec desertae redduntur dona senectae?
Si gratus tibi sum, sim te sub uindice tutus.
Aut si qua, ut luerem sub acerbo crimine poenas,
inscius admisi, cur o tua dextera cessat?
Posce sacros arcus, in me tua derige tela: 40
auctor mortis erit certe deus. Ecce, merentem
fíge patrem; cur nata luit peccata parentis
atque hostis duri patitur miseranda cubile?"
Dixerat. Ille sui uatis prece motus acerbis
luctibus infestat Danaos pestemque per omnes 45
immittit populos: uulgus ruit undique Graium
uixque rogis superest tellus, uix ignibus aer,
deerat ager tumulis. Iam noctis sidera nonae
transierant decimusque dies patefecerat orbem,
cum Danaum proceres in coetum clarus Achilles 50
conuocat et causas hortatur pestis iniquae
edere Thestoriden. Tunc Calchas numina diuum
consulit et causam pariter finemque malorum
inuenit effarique uerens ope tutus Achillis

haec ait: "Infesti placemus numina Phoebi 55
reddamusque pio castam Chryseida patri,
si uolumus, Danaï, portus intrare salutis."
Dixerat. Exarsit subito uiolentia regis:
Thestoriden dictis primum compellat amaris
mendacemque uocat. Tum magnum incusat Achillem 60
inque uicem ducis inuicti conuicia suffert.
Confremuere omnes. Tandem clamore represso
cogitur inuitos aeger dimittere amores
intactamque pio reddit Chryseida patri
multaque dona super. Quam cunctis notus Vlixes 65
impositam puppi patrias deuexit ad arces
atque iterum ad classes Danaum sua uela retorsit.
Protinus infesti placantur numina Phoebi
et prope consumptae uires redduntur Achiuīs.
Non tamen Atridae Chryseidis excidit ardor: 70
maeret et amissos deceptus luget amores.
Mox rapta magnum Briseide priuat Achillem
solaturque suos alienis ignibus ignes.
At ferus Aeacides nudato protinus ense
tendit in Atriden et, ni sibi reddat honestae 75
munera militiae, letum crudele minatur,
nec minus ille parat contra defendere se ense.
Quod nisi casta manu Pallas tenuisset Achillem,
turbem caecus amor famam liquisset in aeuum
gentibus Argolicis. Contempta uoce minisque 80
inuocat aequoreae Pelides numina matris
ne se Plistheniden contra patiatur inultum.

At Thetis audita nati prece deserit undas
castraque Myrmidonum iuxta petit et monet armis
abstineat dextram ac congressibus; inde per auras 85
emicat aetherias et in aurea sidera fertur.
Tunc genibus regis sparsis affusa capillis:
"Pro nato ueni genetrix en ad tua supplex
numina, summe parens; ulciscere meque meumque
corpus ab Atrida, quodsi permittitur illi 90
ut flammas impune mei uiolarit Achillis,
turpiter occiderit superata libidine uirtus."
Iuppiter haec contra: "Tristes depone querelas,
magni diua maris, mecum labor iste manebit.
Tu solare tui maerentia pectora nati." 95
Dixit. At illa leues caeli delapsa per auras
litus adit patrium gratasque sororibus undas.
Offensa est Iuno: "Tantum" que ait, "optime coniunx,
Doride nata ualet, tantum debetur Achilli,
ut mihi quae coniunx dicor tua quaeque sororis 100
dulce fero nomen, dilectos fundere Achiuos
et Troum renouare uelis in proelia uires?
Haec ita dona refers nobis? sic diligor a te?"
Talibus incusat dictis irata Tonantem
inque uicem summi patitur conuicia regis. 105
Tandem interposito lis Ignipotente resedit
conciliumque simul genitor dimittit Olympi.
Interea sol emenso decedit Olympo
et dapibus diui curant sua corpora largis;
inde petunt thalamos iucundaque dona quietis. 110

Tradução do primeiro livro da *Ilíada Latina*

Mostra-me, Deusa, a ira do soberbo Pelida,³
 a qual causou tristes funerais aos miseráveis gregos,
 entregou ao Orco⁴ as fortes almas dos heróis
 e deu às bocas dos cães e das aves, para serem arrastados,
 os membros exangues daqueles, insepultos os ossos. 5

De fato, cumpria-se o desígnio do rei supremo⁵,
 por quem os peitos em discórdia avançaram em conflitos,
 o Atrida⁶ portador do cetro e Aquiles, ilustre na guerra.
 Que deus os levou a combater com terrível cólera?
 O filho de Latona⁷ e do grande Júpiter. Ele enviou 10
 ao coração do rei dos pelasgos⁸ a paixão hostil
 e envolveu os corpos dos dânaos⁹ em funesta doença.
 Na verdade, um dia Crises, envolto nas têmeoras com fitas
 solenes¹⁰, chorou por consolos da filha raptada,
 odiosos dias e odiosas horas da noite 15
 passou e encheu os ares com incessantes gemidos.
 Como nenhum dia aliviava sua alma da tristeza

³ Isto é, Aquiles, filho de Peleu.

⁴ Infernos.

⁵ Ou seja, Júpiter, o pai dos deuses do Olimpo.

⁶ São dois os filhos de Atreu: Agamêmnon e Menelau. Aqui se trata de Agamêmnon, chefe dos exércitos gregos que lutam contra os troianos.

⁷ Isto é, o deus Apolo.

⁸ Sinônimo de gregos.

⁹ Outro substantivo para designar os gregos.

¹⁰ Fitas sagradas que os sacerdotes atavam na cabeça.

e nenhum consolo abrandava os choros paternos,
ele se dirige ao acampamento dos dânaos e, lançado aos joelhos do Atrida,
suplica, miserável, pelos deuses e pela honra real, 20
que lhe seja devolvida a sua filha, a razão de sua vida.
Simultaneamente ele mostra os presentes, os mirmidões¹¹ são convencidos
por suas lágrimas e decidem que Criseida deve ser devolvida ao pai.
O Atrida, porém, nega, e desprezando a piedade, ordena que
Crises saia do acampamento: o amor cruel se adere 25
até a medula dos ossos, e o desejo nocivo despreza os pedidos.
O desprezado sacerdote retorna aos templos de Febo¹²
e, aflito, corta a face esquálida com as unhas hostis,
arranca os cabelos e golpeia as idosas têmporas.
Em seguida, quando os gemidos e lágrimas se acalmaram, 30
acusa com tais palavras os sacros ouvidos do profético¹³ deus:
“De que me adianta, Déléfco, eu ter honrado tuas vontades,
ou ter levado uma vida casta por muitos anos?
Ou de que adianta ter posto os sacros fogos nos altares,
se agora eu, teu sacerdote, sou humilhado pelo inimigo estrangeiro? 35
Acaso estes são os dons ofertados à abandonada velhice?
Se sou caro a ti, que eu esteja seguro sob tua vingança.
Ou se, ignorante, cometi alguma falta para que
fosse castigado diante de um grave crime, ó, por que pára a tua destra?
Toma os arcos sagrados, e volta contra mim as tuas flechas: 40
certamente o causador da morte será um deus. Eis! Traspassa

¹¹ Povo da Tessália, do qual Aquiles era o rei, aqui designa os gregos de maneira geral.

¹² Isto é, Apolo.

¹³ Apolo era o deus dos oráculos. O mais famoso deles era o oráculo de Delfos, daí o vocativo Déléfco, no verso 32.

o culpado pai. Por que a filha expia os erros do pai
e, miserável, suporta o leito do cruel inimigo?”

Dissera. Aquele, movido pela súplica do seu vate, ataca
os dânaos com lutos hostis e a peste envia sobre todos 45
os homens: a multidão de gregos cai por todos os lados,
a custo a terra basta para as piras, a custo o ar para as chamas,
faltava campo para os túmulos. Já as estrelas da nona noite
tinham passado e o décimo dia iluminara o mundo,
quando o ilustre Aquiles convoca os chefes dos dânaos 50
para assembleia e encoraja o Testórida¹⁴ a revelar as causas
da peste inimiga. Então Calcante consulta as vontades
divinas, ao mesmo tempo a causa e o fim dos males
encontra e, temendo falar, mas assegurado no poder de Aquiles,
diz isto: “Aplaquemos as vontades do hostil Febo 55
e devolvamos a casta Criseida ao pai piedoso,
se quisermos, dânaos, adentrar os portos da salvação”.

Dissera. Subitamente se inflamou a violência do rei:
primeiro, ele repreende o Testórida com palavras amargas
e o chama de mentiroso. Depois censura o grande Aquiles 60
e, por sua vez, ele atura os insultos do herói invencível.
Todos bramiram juntos. Por fim, cessado o barulho,
é forçado, triste, a renunciar aos forçados amores
e devolve Criseida intacta ao piedoso pai,
além de muitos presentes. Ulisses, conhecido por todos, 65
transportou-a, colocada sobre a popa, até as cidadelas pátrias,
e novamente virou suas velas para as esquadras dos dânaos.

¹⁴ O adivinho Calcante, filho de Testor.

Imediatamente as vontades do hostil Febo são aplacadas
e são devolvidas aos aquivos¹⁵ as forças quase esgotadas.
Contudo, a paixão do Atrida por Criseida não cessou: 70
lamenta-se e, desiludido, chora os perdidos amores.
Sem demora, despoja Aquiles da raptada Briseida
e alivia suas chamas com as chamas alheias.
Porém o feroz Eácida,¹⁶ desnudando logo a espada,
avança contra o Atrida e, se não lhe restituísse os prêmios 75
da honrada campanha, ameaça-o de morte cruel;
não menos aquele, com a espada, prepara-se em resposta para a defesa.
Pois se a casta Palas¹⁷ não tivesse segurado Aquiles com a mão,
o cego amor teria deixado para sempre torpe fama
aos povos argólicos¹⁸. Desprezadas as palavras e ameaças, 80
o Pelida invoca os poderes da aquática mãe¹⁹
para não permanecer sem vingança diante do Plistênida²⁰.
Porém Tétis, tendo ouvido o pedido do filho, deixa as ondas,
vem para perto do acampamento dos mirmidões, e o aconselha a manter
a destra afastada das armas e combates; de lá, pelos ares 85
etéreos se ergue e é levada às áureas estrelas.
Então ela, de cabelos soltos, lança-se aos joelhos do rei:
“Vim em favor do filho, eis, a mãe suplicante dos teus
poderes, ó pai supremo; ving a mim e à minha

¹⁵ O mesmo que gregos.

¹⁶ Aquiles, filho de Peleu e neto de Éaco.

¹⁷ Palas Atena, deusa da sabedoria.

¹⁸ Isto é, os gregos.

¹⁹ A divindade marinha Tétis, casada com o mortal Peleu.

²⁰ Agamêmnon, que seria sobrinho de Plistenes.

prole contra o Atrida; se, porém, é permitido a ele 90
 ter ultrajado impunemente os amores de meu Aquiles,
 vergonhosamente a virtude sucumbirá, vencida pela devassidão”.
 Estas coisas em resposta, Júpiter: “Deixa as tristes queixas,
 deusa do grande mar, comigo estará esta tarefa.
 Tu, consola o coração aflito do teu filho” 95
 Disse. E ela, tendo descido do céu por tênues ares,
 aproxima-se do litoral paterno e das ondas queridas às irmãs.
 Juno ficou ofendida: “Tanto”, e disse, “ótimo esposo,
 pode a filha de Dóris²¹, tanto é devido a Aquiles,
 que queiras derrotar os aquivos caros a mim, 100
 que sou dita tua esposa e docemente tenho o nome de irmã,
 e renovar as forças dos troianos nas batalhas?
 Assim entregas a nós estes presentes? Desta maneira sou amada por ti?”
 Irada, com tais palavras censura o Toante²²
 e, por sua vez, ela atura os insultos do supremo rei. 105
 Por fim, interpondo-se o Ignipotente²³, a discussão cessa
 e o pai logo dissolve a assembleia do Olimpo.
 Enquanto isso o sol se põe, percorrido o Olimpo,
 e os deuses cuidam dos seus corpos com faustos banquetes;
 daí procuram os leitos e amenos dons do repouso. 110

Sobre o processo tradutório da *Iliada Latina*

²¹ Ou seja, Tétis.

²² O que tropeja, um dos epítetos de Júpiter.

²³ Vulcano, deus do fogo, filho de Júpiter e Juno.

Sabemos que o exercício tradutório é uma tarefa muito mais árdua e difícil do que simplesmente verter palavras de uma língua para outra. Sabemos, que pela própria especificidade das línguas, não é possível existir uma tradução de todo literal de um texto. Campos (1967, p. 24) ressalta que então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Está-se, pois, no avesso da chamada tradução literal.

A esse respeito, Benjamin (2004, v.1, p. 211) afirma que a tradução toca fugazmente e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido original, para perseguir, segundo a lei da fidelidade, sua própria via, no interior da liberdade do movimento da língua.

Tivemos dificuldades em estabelecer nossos critérios para essa tradução, pois a própria teoria tradutória é uma ciência complexa e na qual não há como ter uma definição de método científico que se aplique a qualquer tipo de texto ou processo de trabalho, embora Dolet elenque algumas regras ao se realizar uma tradução. São elas:

Em primeiro lugar, é preciso que o tradutor entenda perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido, pois com tal compreensão sua tradução nunca será obscura; e se o autor traduzido for confuso, poderá torná-lo fácil e totalmente inteligível. A segunda coisa requerida na tradução é o conhecimento perfeito por parte do tradutor da língua do autor que ele traduz; e que ele seja igualmente excelente na língua na qual se propõe a traduzir. Em terceiro lugar, quando se traduz, não se faz necessário submeter-se até o ponto de verter palavra por palavra. Se alguém assim o faz, isso de deve à pobreza e à falta de engenho. Pois, se possuir as qualidades mencionadas acima (as necessárias ao bom tradutor), sem se ater à ordem das palavras, prestará atenção aos pensamentos, de modo a expressar a intenção do autor, preservando com esmero a propriedade de ambas as línguas. A quarta regra que quero dar agora deve ser mais observada nas línguas não sistematizadas do que nas outras. Chamamos de línguas ainda não sistematizadas e aceitas aquelas como a francesa, a italiana, a espanhola, a alemã, a inglesa e outras vulgares. Se por ventura, pois, traduzires algum livro em latim para uma dessas línguas (...) é preciso que evites usurpar palavras muito próximas do latim e pouco usadas no passado. Contenta-te com as comuns, sem inventar neciamente certas expressões por um capricho censurável. Chegamos agora à quinta regra, que um bom tradutor deve observar. Ela é tão importante que, sem ela, qualquer composição

fica pesada e pouco agradável. Mas, em que consiste? Nada além da observância da harmonia do discurso (...). (Dolet, 2004, v.2, p. 15 a 19)

Cabe ao tradutor estabelecer seus critérios, de acordo com: o tipo de leitor a quem sua tradução se dedica, fazer tradução de poesia em verso ou prosa (se em verso, que tipo de metro adotar?) havendo, ainda, várias questões a respeito do vocabulário e do estilo a serem adotados.

Sobre os critérios adotados pelo tradutor, Rónai afirma:

Mais ou menos conscientes das dificuldades da sua tarefa, os tradutores sabem ser impossível salvar todos os valores do original e por isso sempre consentem em sacrificar alguma coisa. No caso da *Eneida*, muitos substituem o hexâmetro por metros mais familiares em sua língua; alguns tentam compensar por meio de rimas o ritmo sacrificado; outros adotam o verso branco e resignam-se a aumentar o número de versos; outros abrem mão decididamente do verso e fazem uso de algum tipo de prosa poética. (Rónai, 1981, p. 117 e 118)

Foi justamente considerando esses vários critérios que decidimos por estas diretrizes: visamos, na nossa tradução, o leitor leigo, que não tem conhecimento da língua e da literatura latina.

Escolhemos manter a tradução do poema *Iliada Latina* em versos, procurando seguir, sempre que possível, o verso em latim linearmente. Sacrificamos, porém, o ritmo do hexâmetro datílico em detrimento do sentido linguístico. Por esse motivo, adotamos versos brancos e livres. Buscamos sempre manter o sentido o mais próximo possível do original em latim. A esse respeito, Benjamin (2004, p. 207 a 209) ressalta que diante do sentido, sua língua tem o direito, aliás, o dever, de desprender-se, para fazer ecoar sua própria espécie de *intentio* enquanto harmonia, complemento da língua na qual se comunica, e não sua *intentio* enquanto reprodução de sentido.

Ainda que a divisão em livros não tenha sido feita por Bêbio – mas sim por editores medievais – mantemos essa divisão na nossa tradução, a fim de facilitar a consulta e a comparação com a *Iliada* de Homero.

Além de manter a tradução linear verso a verso, mantivemos as mesmas equivalências lexicais e sintáticas em cada repetição de um mesmo vocábulo, verso, hemistíquio ou epíteto. Algumas vezes, todavia, foi necessário fazer certas adaptações dos termos dentro de um mesmo verso ou em mais de um verso, pois a língua portuguesa não possui a mesma flexibilidade de ordem de vocabulário que o latim possui. Para Rónai (1981, p. 78), todo texto é alguma coisa mais do que simples soma das palavras que o compõem. O que devemos traduzir é sempre algo mais, isto é, a mensagem.

Introduzimos notas de rodapé para esclarecer o leitor acerca de temas mitológicos ou passagens problemáticas, além de essas notas servirem de amparo quando o texto latino se mostrava particularmente complexo em ser traduzido, devido a alguns termos que serão abordados em mais detalhes adiante, e também pela extrema condensação da *Íliada*, o que gerou algumas passagens confusas.

A partir deste estudo da teoria tradutória nos foi possível escolher melhor nossos critérios para traduzir, o que nos possibilitou fazer uma tradução mais consciente da *nossa* versão integral da *Íliada latina*. Rónai (1987, p. 23) afirma que a arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências, e foi isso que tentamos fazer nesse trabalho de tradução.

Dos nomes das personagens

É necessário cuidado na hora de traduzir nomes próprios de línguas antigas, pois são várias as formas que eles podem possuir como, por exemplo, em português, temos Agamêmnon, Agamenão, etc. É comum adaptações de acordo com a língua-alvo (Titus Livius torna-se Tite Live em francês, ou Tito Lívio em português. Temos, ainda, Juvenal em português ou Giovenale em italiano).

Embora existam dicionários onomásticos, é comum que uma forma se sobreponha a outra. Se seguíssemos o parâmetro de formação em português de palavras latinas que possuem o genitivo em –onis, como em leão (leo, leonis), o nome de Cícero deveria ser

Cicerão (o mesmo fenômeno ocorre na língua espanhola). A forma do nome Cícero, porém, é a consagrada e usada em nosso idioma, assim como o nome do imperador Nero (e não Nerão).

Conservamos a tradução dos nomes de acordo com a nomenclatura consagrada em português. Seguimos também a nomeação dos personagens feita por Frederico Lourenço na *Iliada*, buscando a uniformidade com a tradução que adotamos do texto grego.

Mantivemos também os vários epítetos usados por Bêbio Itálico para designar os gregos. Os inimigos dos troianos são chamados ora de aqueus, argivos ou dânaos. Aqueu, é um étnico: a Grécia possui uma região chamada Acaia. Argivo designava na origem os habitantes da cidade de Argos, tanto do Peloponeso como de Argos Pelásgico na Grécia central. Dânaos é um derivado do nome do rei Dânao, fundador de Argos.²⁴

Já o termo troiano é relativo à cidade de Troia. Ilíaco se refere a Ílio, sinônimo de Troia. O termo troiano ora designa somente os troianos, ora também designa seu aliados (troianos, dardânios e lícios).

“ILIAS LATINA”: TRANSLATION OF THE RESUMED ADAPTATION OF HOMER’S “ILIAD”

ABSTRACT: the *Ilias latina* is a resume of the *Iliad*, from Neronian times. In the first century B.C, the Trojan myth gradually became known by the people through resumes and adaptations of the *Iliad*, since the Greek poem was known only by the aristocracy. The *Ilias latina* was one of the most popular of these adaptations, and the only one of this period that is well preserved. We intend in this article to present the translation of the first book and to focus on some aspects of the translation process.

KEYWORDS: *Ilias*; *Ilias latina*; Epic poetry; Latin literature; Translation.

REFERÊNCIAS

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1952.

²⁴ Emílio Crespo afirma que, apesar de dânao ser equivalente a aqueu ou argivo, provavelmente não é sinônimo desses termos. “Los nombres de persona de los troyanos y de los griegos en la Iliada”. In: *CLASSICA: revista brasileira de estudos clássicos*. São Paulo: SBEC, 2004/2005, v. 17/18, p. 34.

- BUTLER, H. E. *Post-Augustan Poetry*. Charleston: Biblio Bazaar, 2008.
- CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário latino – português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.
- GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire illustre latin français*. Paris: Hachette, 1957.
- GLARE, P.G.W.(ed.). *Oxford latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1982.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. (eds.). *Historia de la literatura clásica*. (Cambridge University) Madrid: Gredos, 1989 v. 2 Literatura latina.
- KIRK, G. S. (ed.) *The Iliad: a commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, 6v.
- LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- MARTIAL. *Epigrams*. Cambridge: Harvard University Press, 1947. The Loeb Classical Library, vol.1.
- PARRY, Adam (ed.). *The making of homeric verse*. New York: Arno Press, 1980.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de historia da cultura classica*. 7. ed. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1993, 2 v.
- SCAFFAI, Marco (ed). *Baebii Italici Ilias Latina: Introduziona, edizione critica, traduzione italiana, e commento*. Bologna: Pàtron, 1997.
- VEGA, María Felisa del Barrio. LÓPEZ, Vicente Cristóbal (eds). *La Iliada Latina ; Diario de la guerra de Troya de Dictis Cretense ; Historia de la destrucción de Troya de Dares Frigio*. Madrid: Gredos, 2001.

Recebido em 10/06/2015.
Aprovado em 13/10/2015.